



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

Sermões evangélicos e idealização do comportamento feminino: uma análise bakhtiniana da voz do terceiro no discurso

Evangelical sermons and idealization of female Behavior: a bakhtinian analysis of the third party's voice In a discourse

Los sermones evangélicos y la idealización del comportamiento femenino: un análisis bakhtiniana de la Voz del tercero en el discurso

Wilton Petrus¹

orcid.org/0000-0002-6920-3143
wiltonpetrus@yahoo.com.br

Nádson Araújo dos

Santos¹

orcid.org/0000-0003-2900-0322
nadson.araujo@gmail.com

Rosana Leticia Pugina²

orcid.org/0000-0003-0917-0922
professora.rosanapugina@gmail.com

Recebido em: 26 mar. 2021.

Aprovado em: 14 out. 2021.

Publicado em: 10 fev. 2022.

Resumo: Este artigo teve como objetivo analisar a voz de autoridade do terceiro no discurso em sermões de pastores evangélicos quanto à presença de um ideário de submissão feminina com vista a problematizar o lugar e o papel da mulher na sociedade. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo exploratório, em que foram analisados três vídeos disponibilizados na internet e textos bíblicos utilizados como voz de autoridade que dita regras acerca da condição da mulher. A metodologia caracterizou-se pela análise dialógica do discurso, por meio da qual se buscou perceber, a partir dos sermões, como os pastores pensam a construção social do lugar de mulher, atendendo aos preceitos bíblicos da fé cristã pentecostal e neopentecostal. Para isso, foram utilizadas as reflexões de Bakhtin (2011) e Volóchinov (2017) sobre discurso e os apontamentos de Beauvoir (1967) a respeito dos enquadramentos de gênero. Os resultados da análise demonstraram que o funcionamento da engrenagem patriarcal depende da obediência e da submissão das mulheres evangélicas dentro e fora das igrejas.

Palavras-chave: Sermões evangélicos. Comportamento feminino. O terceiro no discurso.

Abstract: This paper aimed to analyze the authoritative third party voice in the discourse present in sermons of evangelical pastors, regarding the presence of an ideal of female submission, in order to problematize the place and role of women in society. This is a qualitative, exploratory research, in which three videos available on the internet and biblical texts that are used as a voice of authority, dictating rules about the condition of women were analyzed. The methodology was characterized by the dialogic discourse analysis. We tried to understand, from the sermons, how the pastors think about the social construction of the place of women, attending to the biblical precepts of the Pentecostal and Neo-Pentecostal Christian faith. To do so, Bakhtin's (2011) and Volóchinov's (2017) reflections on discourse were used, as well as Beauvoir's (1967) thoughts on gender frames. The results of the analysis showed that the patriarchal gear depends on the obedience and submission of evangelical women inside and outside the churches to work.

Keywords: Evangelical sermons. Female behavior. The third party in the discourse.

Resumen: Este artículo tuvo como propósito analizar la voz de autoridad del tercero en el discurso de los sermones de pastores evangélicos sobre la presencia



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, SP, Brasil

de una ideología de sumisión femenina, a fin de problematizar el lugar y el rol de la mujer en la sociedad. Se trata de una investigación cualitativa, de tipo estudio exploratorio, en la que se analizaron tres videos puestos a disposición en internet y textos bíblicos utilizados como voz de autoridad, los cuales dictan reglas sobre la condición de la mujer. La metodología caracterizase en el análisis dialógico del discurso, a través del cual busca percibir, a partir de dos sermones, cómo piensan, los pastores, la construcción social del lugar de la mujer, atendiendo a los preceptos bíblicos de la fe cristiana pentecostal y neopentecostal. Para ello, se utilizaron las reflexiones de Bakhtin (2011) y Volóchinov (2017) sobre el discurso y apuntes de Beauvoir (1967) a respecto de los estudios de género. Los resultados del análisis demuestran que el funcionamiento del engranaje patriarcal depende de la obediencia y sumisión de las mujeres evangélicas dentro y fuera de las iglesias.

Palabras clave: Sermones evangélicos. Comportamiento femenino. El tercero em el discurso.

Introdução

Como o *corpus* de análise é formado de sermões proferidos por pastores pentecostais e neopentecostais, é válido trazer alguns breves apontamentos acerca destas crenças. O movimento pentecostal surgiu no Brasil no início do século XX e teve um avanço substancial a partir da década de 1950. Naquele momento, o pentecostalismo aumentou consideravelmente o número de templos e sublinhou, em suas práticas, a busca pela "cura da alma", de onde deriva o apelido de "igrejas da cura". Ademais, investiu em doutrinação e conversão de fiéis de forma massiva em nível nacional e internacional, o que resultou em uma maior visibilidade para a crença, em especial, entre as pessoas mais pobres e menos escolarizadas.

Já o neopentecostalismo, inaugurado na década de 1970, a partir da absorção do prefixo "neo", trouxe, como novidades, certo abrandamento do ascetismo inicial, ênfase ao pragmatismo, emprego da mídia em programas de rádio e televisão (*Fala que eu te escuto, Ponto de luz, Pare de sofrer, Show da fé*, entre outros), propaganda religiosa, estratégias de gestão empresarial nos templos, com destaque para a teologia da prosperidade, e foco na batalha espiritual contra outras vertentes religiosas (SILVA, 2007).

De forma explícita, os sermões que compõem o *corpus* de análise evidenciam uma grande

preocupação dos pastores com a imagem feminina, o que justifica o estudo aqui proposto. Tal fato baseia-se na presença maciça de seguidoras das religiões neopentecostais, o que foi comprovado pelos dados do censo de 2010, conforme os quais as mulheres são a maioria dentro dos templos, 55,57%, em um total de cerca de 42,3 milhões de pessoas, sendo que a Igreja Universal do Reino de Deus é a que apresenta a maior porcentagem: 59% dos frequentadores são mulheres (DIP; DOLCE; MACIEL, 2019). Entretanto, vale destacar que, nos vídeos selecionados, não há nenhum momento em que a palavra esteja sendo proferida por uma mulher. Ao contrário, a presença feminina nos cultos resume-se à plateia, ou seja, as evangélicas, mesmo sendo maioria, são silenciadas dentro das cerimônias religiosas.

Consoante as palavras de Dip, Dolce e Maciel (2019), em primeira análise, dentro dessas igrejas, as restrições focam-se na separação das atividades que pertencem ao homem e à mulher, com destaque para a autoridade do primeiro sobre a segunda. Como resultado, reforçam-se os estereótipos de feminilidade, baseados na delicadeza e na submissão, e de masculinidade, baseados na virilidade e na coragem.

Em uma análise mais aprofundada, percebemos a presença de uma voz soberana e irrefutável de autoridade que emerge dos textos bíblicos, a qual distingue a imposição de formas de vida às evangélicas que vão muito além da esfera espiritual, isto é, o controle religioso, ainda externo, passa a ser absorvido pela mulher em nível interno, o que altera a sua percepção sobre si mesma em todos os aspectos de sua conduta. Para ilustrar, há um programa de aconselhamento chamado *Godllywood*, o qual tem por objetivo desconstruir os "equivocos" apresentados pelos filmes de *Hollywood* com relação ao papel feminino na sociedade e nos cultos (DIP; DOLCE; MACIEL, 2019).

Nessa direção, tivemos como objetivo analisar a voz de autoridade do terceiro no discurso em três sermões de pastores evangélicos quanto à presença de um ideário de submissão feminina que atende aos preceitos bíblicos da fé cristã pen-

tecostal e neopentecostal, os quais embasam os discursos proferidos. Como método, este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo exploratório. Como arcabouço, foram utilizadas as reflexões de Bakhtin (2011) e Volóchinov (2017) sobre discurso e os apontamentos de Beauvoir (1967) a respeito dos enquadramentos de gênero.

Trata-se, neste artigo, de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo estudo exploratório (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) em que foram analisados três vídeos disponibilizados na internet, nos quais pastores realizaram sermões em suas igrejas. Para além dos vídeos, analisamos também trechos da Bíblia (2006) que problematizam tais questões, os quais são utilizados para fundamentar o discurso dos líderes evangélicos.

Em decorrência do objetivo e da análise proposta, partiremos da noção de que, no convívio de crenças e dogmas, é indubitável a existência de uma voz entre os interlocutores religiosos, o que Bakhtin (2011) nomeia de "supradestinatório", o "terceiro do discurso". Nesse sujeito, imaginário ou real, notamos a composição doutrinária em que a religião acha apoio para ordenar o comportamento humano, especialmente, o feminino. Tal temática será apresentada na primeira parte do estudo.

Na sequência, devido ao fato de que abordaremos a forma como a imagem da mulher é projetada nos sermões que compõem o *corpus*, é importante enfatizar algumas questões relacionadas à edificação do papel social feminino em sociedades de base patriarcal. Para isso, iremos trazer à baila a análise filosófica realizada por Beauvoir no volume II da obra *O segundo sexo* (1967), temática esta que comporá a segunda parte da pesquisa.

Como terceira etapa, neste artigo, buscaremos analisar sermões de pastores evangélicos quanto ao ideário de submissão feminina e problematizar o lugar e o papel da mulher na sociedade e na constituição da família. Em seguida, teceremos nossas considerações finais.

O terceiro no discurso: diálogos com Bakhtin

Para Bakhtin (2011), nenhum ato está isento de fatores ideológicos, logo, toda palavra é

constituída em uma arena de forças centripetas e centrífugas. A primeira tende a uma estabilização do dizer ou em um acabamento definitivo da palavra, já a última busca a instabilidade e a descentralização de qualquer norma vigente. Nota-se, desse modo, que a linguagem permanece em conflito, haja vista que cada sujeito está imerso em lugares díspares, conceituando a sua voz e a voz alheia a partir de seu próprio auditório social e da sua ideologia. Sobre isso, segundo Volóchinov,

De fato, a forma linguística é dada ao falante, apenas no contexto de certos enunciados e, portanto, apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

Para o Círculo de Bakhtin, todo sujeito representa um auditório social e, através dele, enuncia e preenche de entonação avaliativa a sua voz, portanto, busca um destinatário que aceite a sua ação. Esse sujeito é caracterizado como "segundo" dentro do contexto, aquele a quem se dirige e procura convencer com seus valores e crenças. Assim, "O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc." (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Nessa direção, há sempre interlocução entre os falantes, uma vez que as palavras jamais estão isentas de interação. Mesmo que não haja um sujeito físico, o interlocutor presume e se interliga com as vozes do seu auditório, conforme diz Volóchinov (2017, p. 205): "O enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado pela imagem do representante médio do grupo social ao qual o falante pertence".

Para o mesmo autor (VOLÓCHINOV, 2017), as palavras não pertencem por inteiro ao falante, pois há sempre uma zona limítrofe entre ele e um

outro, assim, nesse limiar, a maior parte da sua fala ainda é propriedade alheia: “a palavra como signo é tomada de empréstimo pelo falante da reserva social de signos disponíveis; a própria constituição individual desse signo social em um enunciado concreto é determinada integralmente pelas relações sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206). Nesse caso, através das relações sociais, o ouvinte é determinado e marcado pelos participantes do evento discursivo.

Em vista disso, percebemos que Volóchinov (2017) aponta, pelo menos, a existência de dois interlocutores em todo evento discursivo, mas, como não existe o Adão bíblico que inaugura a palavra, esses sujeitos estão sempre falando a palavra outra e tornando-a palavra própria. Assim, supomos que há, em qualquer discurso, a voz outra que interfere no contexto, um “terceiro” sujeito, o “supradestinatório”. Comumente, em muitos sermões religiosos, ouvimos a seguinte frase: “não sou eu que digo, é a bíblia, o que nos resta é obedecer”. Esse é um indício da existência de uma voz mandatária e indiscutível, uma vez que, segundo a doutrina religiosa, o texto bíblico é equipolente à voz de Deus. Sobre isso, Bakhtin (2011, p. 333) atesta que:

Todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa. Ele é o segundo (mais uma vez não em sentido aritmético). Contudo, além desse destinatário (segundo), o autor do enunciado propõe, com maior ou menor consciência, um supradestinatório superior (terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe quer na distância metafísica, quer no distante tempo histórico. “Um destinatário como escapatória.” Em diferentes épocas e sob diferentes concepções de mundo, esse supradestinatório e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc.) (BAKHTIN, 2011, p. 333).

Como visto, além do segundo interlocutor presumido ou real, podemos inferir a presença de um terceiro. Para o filósofo russo (BAKHTIN, 2011), esse terceiro possui uma voz superior pela qual o

falante acha escapatória ou apoio para valoração e argumentação do seu dizer. O falante percebe, nesse terceiro, um ideário absolutamente verdadeiro. Em caráter de autoridade, o terceiro está sempre acima de todos os participantes. Nele, os demais agentes acham solidez para refutar, arguir, aceitar ou rejeitar as palavras de *outrem*. Não tratamos aqui de um ser místico ou metafísico, mas, como verificado em Bakhtin (2011), o terceiro sujeito do discurso pode ser representado por dados históricos, Deus, a consciência humana dotada de marcas ideológicas, o povo e o julgamento, por exemplo.

Em meio a muitos fatos históricos da humanidade, notamos a ação da voz do terceiro. Neste trabalho, podemos percebê-lo como a voz única e absoluta de Deus, pois, nas análises dos sermões apresentadas aqui, infere-se que Deus, a bíblia e os apóstolos de Jesus são caracterizados como sujeitos que dizem palavras irrefutáveis, criando momentos de idealização da submissão humana. Pela crença dos sujeitos analisados, os contextos e as histórias bíblicas são inabaláveis. Isso coaduna com o que sinalizamos no início desse tópico: há uma força centrípeta centralizadora compondo uma verdade absoluta da qual não se pode fugir.

Apontamentos sobre a construção social do papel da mulher dentro e fora da religião: diálogos com Beauvoir

De forma introdutória, apontam-se aqui algumas reflexões que elucidam a perspectiva religiosa acerca das mulheres, buscando demonstrar, em alguns contextos, a força do terceiro no discurso a partir de textos bíblicos. Citamos a Bíblia (2006) por ser considerada um livro sacro em que há toda uma ordenação de respeito e obediência aos seus ensinamentos, o que lhe imputa um lugar de autoridade, um terceiro no discurso, uma voz irrefutável e singular em sociedades patriarcais.

Acerca das questões de gênero, Henry Ashbee (1970) atesta que o sexo não se fez tabu em todas as culturas. Na verdade, a criação do conceito de pecado carimbou-o como algo proibitivo por meio

da perspectiva que o catolicismo fez dele como meio de regulação de condutas. Como forma de disseminação de tal princípio, a noção de corpo como sinônimo de profanação emerge da voz autoritária da passagem bíblica em que Eva e Adão comeram a fruta proibida. Como Eva desobedeceu à ordem primeiramente, ela carrega o pecado original, assim como todas as mulheres, as "filhas de Eva". Dessa forma, a partir de uma voz de autoridade irrefutável (pelo menos, para milhões de religiosos), nasceu a ideia de que o homem é superior à mulher, como apontado na citação abaixo:

E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse Adão: A mulher que me deste por companhia, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará (BÍBLIA, 2006, GN 3:9-16).

Como meio de condução dessa voz ideológica, nas escrituras cristãs, há a imposição das virtudes exemplares de alguns personagens exatamente para que as mulheres não repitam o mesmo erro de Eva, como exemplos, temos a castidade, a fidelidade, o desinteresse sexual e a virgindade. No Antigo Testamento (BÍBLIA, 2006), as mulheres que se afastam dos traços citados são muito raras, como Jezabel e Dalila, sendo ambas caracterizadas como falsas, fornicadoras e sedutoras. A partir dessas retratações, as quais trazem a voz do terceiro no discurso, conclui-se que as mulheres submissas representam o lado bom da feminilidade, já as mulheres emancipadas, o lado mau. Na Idade das Trevas, os ditos "pecados da carne" embasavam as homilias e as obras que norteavam a teologia da época (DEL

PRIORE, 2007). Assim, essas alegorias femininas, repetidas por uma voz de autoridade durante séculos e absorvida por outras doutrinas religiosas, como a (neo)pentecostal, criaram a imagem ideal da boa esposa, a qual deve aceitar a sua função de procriadora, como efeito, esse ideário colocou a mulher "em seu devido lugar".

Para ilustrar, temos o livro *Malleus Maleficarum* (2015), escrito pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger. Conforme os autores, as mulheres entregam-se aos pecados luxuriosos mais facilmente do que os homens porque, em sua criação, foi usada uma costela recurva, cujo contorno é contrário à retidão da conduta de Adão, sendo assim, a mulher é um "animal imperfeito". Dessa "falha" de Eva, surgiu o adjetivo "feminino", derivado de "femina", que designa o sexo, e significa, etimologicamente, "menos fé" (*fe + minus*) (KRAMER; SPRENGER, 2015, p. 116-117).

Séculos depois, na contemporaneidade, segundo apregoa Beauvoir (1967), de forma geral, a persistência dessa distinção religiosa em referência às mulheres se projeta nas formas de educação dadas a meninos e meninas, o que restringe a liberdade feminina da infância à idade madura. Para exemplificar, às meninas, é feito o oferecimento de brinquedos que reforçam o enquadramento feminino para as funções de dona de casa e mãe, além existência da proibição quanto às práticas sexuais e de masturbação em decorrência da exigência de preservação do hímen, ao passo que, em relação aos meninos, há uma cultura de encorajamento para a busca de aventuras e para a "perda da virgindade", estabelecida familiarmente pela prática de levar os adolescentes a casas de prostituição.

Acerca da religião, Beauvoir (1967) tece reflexões em relação à "necessidade" feminina em "se ajoelhar" diante de um homem:

O amor foi apontado à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus. [...] A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens [...]. Amor humano, amor divino confundem-se [...]. Trata-se, em todo caso, para a amorosa, de salvar sua existência contingente unindo-a ao Todo encarnado em uma Pessoa soberana. Esse equívoco é flagrante

em numerosos casos [...] em que o amante é divinizado, em que Deus se apresenta sob traços humanos (BEAUVOIR, 1967, p. 438-439).

Essa urgência começa a ser cultivada na infância quando a menina percebe que o pai tem uma ocupação importante e que, por isso, é provedor do lar, em detrimento das atividades domésticas realizadas pela mãe, as quais são rotineiras e não remuneradas. Além disso, dentro do contexto religioso, todas as autoridades são masculinas: Deus, os apóstolos, os anjos (estes, apesar da afirmação popular de que "anjo não tem sexo", todos os seus nomes são masculinos, como Rafael, Gabriel, Miguel, por exemplo), os padres e os pastores (mesmo havendo pastoras nas religiões (neo)pentecostais, a maioria dos templos é dirigida por homens). Quanto à projeção feminina, têm-se Eva, que é a primeira pecadora; Maria, que é assexuada; e Maria Madalena, que é prostituta. Em vista disso, a imagem feminina é classificada de forma bastante desvalorizada e dicotômica: ou as mulheres são santas ou são meretrizes. Em via oposta, condiciona-se, no imaginário coletivo, a figura masculina como detentora do poder, da racionalidade e da autoridade.

Na adolescência, o impeto por arranjar um namorado também surge na vida feminina como uma obrigação. Na geração de Beauvoir (1967), o maior medo das pubescentes era ficar "para titia", isto é, "solteirona", fato este que era um indício de fracasso pessoal. Já no início da juventude, as meninas já sabem da importância da manutenção do hímen para que possam ter um "bom casamento". Na sociedade do século XXI, essas imposições perderam intensidade, porém, seguem como uma exigência para as mulheres que são seguidoras das religiões (neo)pentecostais. Na tradição evangélica, o casamento ocorre com poucos meses de namoro e noivado para que o casal não tenha tempo de "cair na tentação da carne", iniciando as suas relações sexuais antes da afirmação dos votos matrimoniais perante toda a igreja.

No matrimônio, na esteira das distinções que foram sendo impostas pela cultura, para o homem, surge como uma opção, ao passo que, para a mulher, é uma questão de *status* e, para as menos

escolarizadas e pobres, passa a ser uma saída para a sobrevivência. Na igreja, de acordo com a filósofa francesa: "É sob a figura do esposo que Deus aparece de preferência à mulher; por vezes, ele se mostra [...] dominador; veste-a com um vestido de núpcias, coroando-a, tomando-a pela mão e prometendo-lhe uma apoteose celeste" (BEAUVOIR, 1967, p. 445). Nesse contexto desigual, o esposo é despojado para que possa galgar a sua realização pessoal e profissional. Na contramão, as mulheres passam a ser donas de casa, mães e esposas, enquadrando este que delimita fortemente a sua vivência como ser humano.

Ainda sobre o casamento, é ensinado às mulheres que, para terem sucesso na relação marital, é preciso agradar, doando-se inteiramente ao lar. Conforme Beauvoir (1967, p. 19, grifo da autora), "a passividade que caracterizará essencialmente a mulher *feminina* é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. [...] [o que é] na verdade, um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade". Como resultado, as esposas renunciam à sua autonomia e à sua liberdade. Em virtude dessas separações de papéis, as mulheres são vistas como frágeis e servis. Sobre isso, enfaticamente nas religiões (neo)pentecostais, as esposas, ainda nos cursos de noivado (DIP; DOLCE; MACIEL, 2019), aprendem que as atividades públicas pertencem ao universo masculino e que, por isso, não devem aceitar trabalhar fora debruçando-se exclusivamente aos afazeres que as configuram como "rainhas do lar". Ademais, devem manter uma boa aparência, já que há, nas coletividades patriarcais, excessiva preocupação com a beleza física feminina.

A esse respeito, Beauvoir (1967) reflete também sobre as vestimentas femininas, as quais são castradoras dos movimentos corporais das mulheres – saias, vestidos com zíper nas costas, salto alto etc. No caso das mulheres evangélicas, além das saias longas e justas, as quais são símbolos de "feminilidade", o cabelo longo também é exigido. Em algumas vertentes, como a Congregação Cristã, as mulheres usam véus durante os cultos. Esses recursos fazem referência à castidade feminina, tal qual observamos

nas representações católicas das santas, como Nossa Senhora Aparecida. Mesmo não havendo imagens de gesso nos templos evangélicos e nem adoração à Virgem Maria, o retrato da castidade vem das escrituras, as quais, apesar de haver adaptações, seguem o padrão católico que carimba o "ser feminino" milenarmente.

Nesse quadro, a falta de autonomia aquisitiva fomenta a inferioridade feminina. Pela falta de formação acadêmica, sobretudo quanto à evasão escolar de meninas que se casam ou que engravidam precocemente (GRAVIDEZ..., 2019), as mulheres não aprendem a se colocar quanto ao trabalho, sendo este mais um motivo de dominação masculina: "Sem dúvida, se colocarmos uma casta em estado de inferioridade, ela permanece inferior; mas a liberdade pode quebrar o ciclo" (BEAUVOIR, 1967, p. 497), fato este que também surge como colaborador de relacionamentos abusivos, em que as mulheres, por não terem condições de se manter por si, vivenciam repetidamente formas de violência de gênero, tais como a física, a psicológica, a patrimonial e, em casos mais graves, o estupro marital e o feminicídio (VILHENA, 2010). Por conta disso, Beauvoir (1967) nos diz que, numa sociedade capitalista, a independência financeira é o passo mais importante para a construção da liberdade feminina.

Em suma, o fervor místico feminino amplamente alimentado pela cultura (neo)pentecostal, cujos sermões são nossos objetos de estudo, integra um ideário de inferiorização das mulheres porque parte da ideia de dependência feminina em relação a uma figura masculina, seja ela um homem ou o próprio Deus. Desse modo, as mulheres, singularmente as evangélicas, não possuem nenhuma possibilidade de domínio sobre o mundo externo, tendo a sua vivência resumida às atividades domésticas, de onde emerge a sua aparente aceitação quanto aos sermões que servirão de base para a análise proposta na sequência.

Uma análise discursiva de sermões religiosos acerca da idealização do comportamento feminino

Para continuidade do nosso diálogo, é relevante sublinhar que, nas imagens dos cultos

selecionados como *corpus*, percebemos apenas a presença de homens, todos vestidos de forma igual, o que afasta a ideia de diversidade e reforça uma padronização excessiva e masculinizada, incluindo as cores, as quais, de forma geral, são escuras.

Quanto às mulheres, elas estão na plateia, fato este que as coloca como meras espectadoras dos cultos, em uma posição enunciativa de passividade e assimilação das palavras proferidas pelos pastores. Nesses cenários, quem fala são os homens de cima dos altares, em alusão à autoridade divina, que é masculina, ao passo que a plateia, que fica embaixo, é formada pelas mulheres, cuja função é a de ouvinte, porque os homens – nos sentidos literal e figurado – estão acima das mulheres dentro das igrejas, o que reforça o seu lugar de superioridade também fora delas.

Inicialmente, trazemos, à arena discursiva, o sermão de Lima (VOCÊ..., 2020). Sua igreja está localizada na cidade de João Pessoa (PB) e possui um grande prestígio social no âmbito religioso. O sermão analisado foi proferido em um culto denominado de "doutrinário", no qual são observados ensinamentos bíblicos por um viés interpretativo rigoroso das escrituras sagradas.

Nesse contexto religioso, as escrituras sagradas são verdades absolutas e equivalentes à própria voz de Deus, e este, de acordo com Bakhtin (2011), um terceiro no discurso. Para melhor compreensão dessa voz de autoridade, citamos, como exemplo I, Timóteo 2 (BÍBLIA, 2006, p. 11-15): "a mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição". Segundo as escrituras sagradas, não havia permissão para que mulheres falassem em público, mas que estivessem submissas, como orientava a lei local. Caso surgisse o desejo de arguir, isso deveria ser feito unicamente em casa para o seu próprio marido (SANTOS; SANTOS; PIMENTA, 2021). Em muitas denominações religiosas contemporâneas, isso ainda é levado em consideração, sendo posto como ato de fé e obediência à voz divina.

Na continuidade da análise, trouxemos recortes da fala de Lima (VOCÊ..., 2020), a qual é

intitulada: "Você quer casar, irmã, já aprendeu a fazer café?", disponível no Youtube:

Ninguém vem aqui para ensinar, quem tem que ensinar aqui sou eu. Você já aprendeu a fazer café? Tem que aprender a fazer café. Tem mulher que não sabe fazer café e tá enxada para casar. Vá aprender a fazer café primeiro. Ôh! Glória! Porque tem café, tem chafé e tem lavagem de espingarda. Tem que aprender a fazer café". Ah, não me leve a mal, mas eu vou bater, por que crente da Assembleia de Deus é como massacá e arruda, quanto mais machucado, mais exala bom cheiro (VOCÊ..., 2020).

Já de início, o pastor se coloca como soberano diante da assembleia, no trecho: "quem tem que ensinar aqui sou eu", demonstra altivez, que são traços típicos de homens que, para preservar a sua "masculinidade", fazem uso de seu lugar privilegiado de poder, no caso, em sentido duplo: além de homem, é pastor.

Na sequência, verifica-se uma distinção de gênero bem comum que é pautada nos afazeres domésticos, nesse caso, a habilidade – dita "naturalmente feminina" – para cozinhar (BEAUVOIR, 1967). Como fazer café se associa, além da esfera das refeições, com a socialização dos moradores da casa com possíveis visitas, a arte culinária se apresenta também como algo que é prestigiado nesse contexto: a esposa que sabe cozinhar é mais valorizada perante os outros membros da igreja. Para mais, como está destacado no discurso de Lima (VOCÊ..., 2020), a culinária é, para as mulheres, um requisito incontestado para o casamento cristão.

Por um viés mais amplo, evidencia-se também o tom irônico emaranhado ao discurso do pastor, o que leva a plateia ao riso, criando chacota com o gênero feminino, singularmente em referência às mulheres que não sabem fazer café. Desse modo, a projeção da figura feminina é risível, sendo, portanto, machista e desrespeitosa. Entretanto, pela resposta dada pelo público, a fala de Lima (VOCÊ..., 2020) foi legitimada, afinal, para a plateia, ele é um representante da vontade de Deus, o que tem, como resultado, a reverberação de seu discurso em milhares de lares, reforçando estereótipos de gênero.

Outro ponto que chama atenção é a citação

da arma de fogo: "tem chafé e tem lavagem de espingarda". Isso assegura mais uma vez a total soberania do marido sobre sua esposa, haja vista o mandamento de Deus para absoluto respeito aos dogmas do casamento cristão. Para assegurar isso, no discurso de Lima (VOCÊ..., 2020), percebemos a legitimação da autoridade do homem, mesmo que isso seja desenvolvido através da violência.

O segundo sermão analisado neste artigo foi proferido por outro pastor evangélico, Nunes (ESTUDO..., 2020). Sua igreja está localizada na cidade de Maceió (AL) e também goza de grande prestígio social, assim, sua voz é incontestável em seu meio. Em uma reunião com a juventude da denominação evangélica que representa, o pastor constrói o seguinte discurso:

[...] a moça é crente, batizada no Espírito Santo, de repente vira feminista, vai para faculdade vira feminista, é crente, pregadora do evangelho, de repente, vira uma coisa estranha, começa odiar a igreja, começa a odiar o pastor, começa a duvidar da bíblia [...] Quem das moças aqui já fez bolo uma vez na vida ou faz? Quem já fez bolo? Já fez bolo? Já? Olha a mão rapazes, a que não fizer não queira casar com ela (ESTUDO..., 2020).

Sobre o trecho, o movimento feminista, no contexto (neo)pentecostal, é visto como uma ameaça à organização hierárquica que se estabelece entre homens e mulheres a partir da compreensão do livro de Gênesis (BÍBLIA, 2006), como mencionado anteriormente, que carimba Eva como a primeira pecadora. Por ser uma religião de matriz patriarcal e também por repetir milenarmente este ideário, as mulheres evangélicas são colocadas em posição subalterna em relação aos maridos e aos pastores.

Nesse quadro, o feminismo surge como um mecanismo de questionamento de lugares sociais, o que incomoda e abala a estrutura vigente porque pode oferecer, às seguidoras, possibilidades de compreensão acerca desse fenômeno e, por conseguinte, levá-las a não aceitação dos discursos sexistas proferidos recorrentemente nas igrejas. Por conta disso, os ataques ao movimento e também às feministas são comuns dentro dessas religiões.

Na segunda parte do discurso de Nunes (ESTUDO..., 2020), observamos a retomada do mesmo pensamento de "Você..." (2020): *para casar, tem que saber fazer café ou cozinhar bem*. Esse discurso não permanece apenas no âmbito (neo) pentecostal, vai além dos muros da Assembleia de Deus. Para melhor visualização, basta analisarmos os discursos de Ana Paula Valadão, cantora, mãe e mulher conhecida no meio Batista. Valadão, em entrevista dada a Ninas Rosas, em 2015, disse que:

quando uma mulher se converte a Jesus, começa a ler a Bíblia, começa a entender os princípios bíblicos sobre o homem, sobre a mulher, sobre a relação dos gêneros, e essa mulher começa a receber a capacitação do Espírito Santo; é algo tão natural, que você não faz força pra ser submissa, sabe? É um respeito, é um negar a si mesmo muitas vezes, e que deve acontecer não só na relação marido e mulher, mas na submissão uns aos outros todo o tempo, que é muito natural, sabe? É uma humildade nos relacionamentos, um quebramento. Não é um endurecimento do coração, é muito tranquilo. Eu não vejo como machismo, como se eu tivesse valorizando o homem para desvalorizar a mulher. De modo algum. É muito tranquilo. Sou tão feliz. Sou muito mais feliz no meu casamento depois que comecei não só a conhecer, mas a viver a submissão. E você já deve ter ouvido eu falar também, né? sobre esse respeito da mulher a toda figura masculina. No local de trabalho, com pais, com irmãos. Gente, é tão tranquilo, tão bom (ROSAS, 2015, p. 204).

O auge das interpretações bíblicas de Valadão reside no fator da submissão incondicional. Como visto no início de sua fala, ela acha apoio para isso nas escrituras, ou seja, a bíblia e os seus contextos históricos estão sempre presentes como voz soberana para guiar seus conceitos e comportamentos. Mesmo se distanciando do cenário de busca de equidade social na contemporaneidade, muitas mulheres, por falta de poder reflexivo, repetem o que disse a cantora: "é algo tão natural, que você não faz força pra ser submissa". Esse é o clímax do envolvimento da voz do terceiro nesse discurso, uma voz irrefutável a ponto de transformar a submissão em algo "bom".

Na continuidade das análises, destaca-se o discurso de Macedo (A MULHER..., 2019), que é um pastor de grande prestígio em sua denomina-

ção religiosa. A sede de sua igreja está localizada em São Paulo (SP). Ele prega incansavelmente em defesa da aquisição de riquezas e poder. A congregação da qual faz parte possui um grande número de membros e seus templos estão espalhados por todo o Brasil e também pelo mundo. Em um culto com mais de 6 mil pessoas, convidou as suas duas filhas e os seus dois genros para o palco, dizendo o seguinte:

Se ela fosse (aponta para uma das filhas), preste atenção, na minha visão, se ela fosse doutora, se ela tivesse um grau de conhecimento elevado, e encontrasse um rapaz que tivesse um grau de conhecimento básico, ele não seria o cabeça, ela seria a cabeça. Não é isso? E se ela fosse a cabeça não serviria a vontade de Deus (A MULHER..., 2019).

Ao utilizar o enunciado "vontade de Deus", isto é, o terceiro do discurso, como justificativa, aflora a necessidade masculina de inferiorização feminina dentro do casamento cristão. Segundo o discurso de Macedo (A MULHER..., 2019), não há possibilidade de que uma mulher seja "a cabeça" do lar, já que, conforme as escrituras, a autoridade é sempre masculina, conforme nos mostra a passagem: "Entretanto, desejo que entendais que Cristo é o Cabeça de todo homem; o homem, o cabeça da esposa; e Deus, o cabeça de Cristo" (BÍBLIA, 2006, I CO 11:3).

A respeito do nível de escolaridade, as evangélicas são desencorajadas a estudar, podendo concluir apenas o Ensino Médio. Esse discurso é conveniente aos maridos, haja vista que o controle de uma mulher de baixa instrução é facilitado. Ademais, como mencionou Beauvoir (1967), a independência financeira oriunda da escolaridade ameaça os ideais patriarcais, uma vez que uma mulher que tenha concluído o Ensino Superior e que tenha a sua profissão dificilmente aceitaria se diminuir diante de preleções como a citada anteriormente.

Na continuidade do sermão, o pastor acentua:

Eu quero que as minhas filhas casem com um macho, homem tem que ser cabeça, se ele não for cabeça, o casamento dela, deles, vai estar fadado ao fracasso. Mas não é isso que se ensina hoje, o que se ensina é o seguinte: minha filha, você nunca vai ficar sujeita ao

homem. Não é assim? É ou não é? Você não vai ficar sujeita ao homem. Tá bom, então vai ficar sujeita à infelicidade, porque não existe família, não existe casamento, não existe felicidade, a mulher cabeça e o homem corpo. É fracasso, tanto é que tem mulheres aqui que sabem disso, sabem o que eu tô falando. Tem mulheres inteligentíssimas que não conseguem encontrar um cabeça. Verdade? Sim ou não, sim ou não? Gente, como é que uma pessoa que tem a cabeça lá em cima, vai se submeter a uma pessoa que tá aqui (embaixo) (A MULHER..., 2019).

Entrevemos a ênfase dada pelo pastor à formação familiar como sinônimo de felicidade eterna para o gênero feminino, reforçando o ideário cristão de que a mulher, como "sexo frágil", deve ser mantida dentro das paredes domésticas, local em que se torna a "rainha do lar", como já mencionado. Com esse discurso, a noção cristã de feminilidade é marcada pela restrição do espaço de ação das mulheres, bem como pela limitação das suas possibilidades de instrução. Para finalizar, Macedo (A MULHER..., 2019) sublinha mais um traço machista: a necessidade de comparação de uma mulher com um homem para que ela tenha existência, tal qual apontou Beauvoir (1967) ao nomear a sua obra seminal de *O segundo sexo*, isto é, para a autora, o gênero feminino está sempre à sombra do masculino, sendo, portanto, um ser classificado como inferior em coletividades de raiz patriarcal.

Acerca do sermão supracitado, para Bakhtin (2011), não há um Adão bíblico que inaugura a palavra, pois ela é sempre tomada de discursos alheios. Para o filósofo russo (BAKHTIN, 2011), sempre ouvimos vozes e, nesse caso, podemos perceber as vozes nas quais Macedo (A MULHER..., 2019) se apoia: trechos da Epístola aos Efésios os quais expõem o lugar de fala do pastor, ou seja, do contexto bíblico:

Esposas, cada uma de vós respeitai ao vosso marido, porquanto sois submissas ao Senhor; porque o marido é o cabeça da esposa, assim como Cristo é o cabeça da Igreja, que é o seu Corpo, do qual Ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, de igual modo as esposas estejam em tudo sujeitas a seus próprios maridos (BÍBLIA, 2006, EF 5:22-24).

Acompanhamos mais uma afirmação da existência dos lugares sociais orientada pelas vozes das interpretações das escrituras bíblicas: a separação entre as atividades masculinas, relacionadas à "cabeça", ou seja, ao "alto", que é a intelectualidade, a razão e a racionalidade, ao passo que a mulher, sendo o "corpo", isto é, o "baixo", tem a sua identidade relacionada à afetividade, aos cuidados e ao ímpeto sexual. Ademais, o discurso retoma Gênesis (BÍBLIA, 2006), o que nos leva a perceber que a lembrança do pecado original alimenta a fé cristã como forma de existência da própria religião, assim como mantém o ideário de inferiorização feminina funcionando de forma que haja um convencimento e uma naturalização generalizados acerca da submissão e do rebaixamento femininos, em outras palavras, a mulher "ajoelhada", como citou Beauvoir (1967).

No tom de voz de Macedo (A MULHER..., 2019), há uma gravidade no trecho em que ele impõe como deve ser a conduta feminina diante de Deus e da igreja. Como visto, em arremate, ele utilizou as próprias filhas para exemplificar os efeitos positivos da obediência e da submissão feminina para o sucesso de um casamento cristão. Durante o sermão, destaca que as mulheres devem buscar "homens superiores" para o casamento, tanto em cultura quanto em condições financeiras, porque é seu papel suprir as necessidades da família, retomando a passagem bíblica que diz que o homem é a cabeça da união e a mulher, o corpo. De forma implícita, o pastor diz que, sem instrução, dificilmente as evangélicas alcançariam consciência reflexiva e pensamento crítico, o que, no contexto religioso, é favorável para que elas sejam mantidas em "seu devido lugar", favorecendo a hierarquia religiosa e o patriarcado.

Enfim, o sermão ilustrado centra-se em argumentos que buscam justificar a vantagem do afastamento das mulheres da escola e da universidade, o que é descabido em uma sociedade que já passou pelas lutas feministas em defesa do voto, do trabalho fora de casa, da pílula anticoncepcional, do controle feminino da

natalidade, das creches, do divórcio, das leis de proteção às mulheres, entre outras.

Considerações finais

Em situações de violência de gênero, como apreendeu Beauvoir (1967), as agressões têm sua raiz na noção de que o homem ordena e a mulher obedece, em uma realidade pautada em uma hierarquização desigual de valores e papéis sociais entre o masculino e o feminino. Em decorrência do fato de que tal noção tem berço secular, o que a inscreve na cultura, alguns princípios religiosos tornam-se inquestionáveis – mesmo no século XXI –, sendo vistos como “verdades absolutas”, daí a sua naturalização e a sua decorrente absorção incontestes.

Tal noção, dada pelo “terceiro no discurso”, cuja voz de autoridade vem dos sermões cristãos, os quais são baseados em uma leitura bastante literal da bíblia, tende a ser organizadora da vida dos crentes, o que incide também sobre a construção de uma “moralidade” feminina, a qual se pauta em padrões e arquétipos machistas e misóginos que foram sendo repetidos secularmente pela cultura patriarcal, manipulando as vivências dos evangélicos e, sobretudo, das evangélicas. Nesse quadro, a inferiorização feminina se faz patente, o que serve de “justificativa” para a violência sofrida pelas mulheres dentro dos templos, como também em suas vidas pessoais.

Em suma, conforme depoimentos coletados por Dip, Dolce e Maciel (2019), fechamos este estudo com a certeza de que o significado de ser mulher nos sermões analisados é: “subordinação e obediência”. Para que essa engrenagem funcione, essas mulheres não devem questionar o marido, que é a autoridade dentro da casa; e devem obedecer ao pastor, que é autoridade espiritual constituída por Deus. Assim, está implícito que esses dois fatores são incondicionais para a salvação de suas almas. Por fim, os resultados demonstraram que as mulheres evangélicas precisam ser educadas para a submissão e para a obediência dentro e fora das igrejas.

Referências

- A MULHER não deve estudar mais do que o marido. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (8 min 24 seg). Publicado pelo canal Izaque Martins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EZs59KlnUnQ>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- ASHBEE, H. S. Índice de livros proibidos. Tradução de H. Dobal e Aurélio de Lacerda. São Cristóvão: Artenova, 1970.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1967.
- BÍBLIA, S. *Bíblia de Promessas*: revisão do estudo das promessas. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006.
- DEL PRIORE, M. Apresentação. In: MUCHEMBLED, R. *O orgasmo e o Ocidente*: uma história do prazer do século XVI a nossos dias. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p. XI-XV.
- DIP, A.; DOLCE, J.; MACIEL, A. Obediência e submissão: o que se espera das mulheres evangélicas inspiradas pela ministra Damares. *Agência Pública*, 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/05/obediencia-e-submissao-o-que-se-espera-das-mulheres-evangelicas-inspiradas-pela-ministra-damares>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- ESTUDO – O Marxismo Cultural de Antônio Gramsci. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h 21 min 40 seg). Publicado pelo canal adlagoasoficial. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gGblwopH1jk&feature=emb_title. Acesso em: 10 mar. 2021.
- GRAVIDEZ precoce é uma das principais causas da evasão escolar, diz estudo. *Jornal Nacional*, 22 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/22/gravidez-precoce-e-uma-das-principais-causas-da-evasao-escolar-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.
- ROSAS, N. *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil*: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- SANTOS, W. P.; SANTOS, A. C.; PIMENTA, R. O. C. O silenciamento da mulher evangélica: palavras e contrapalavras. *Revista Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 7, n. 24, out. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4060>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, V. G. da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132007000100008>. Acesso em: 20 jan. 2020.

VILHENA, V. C. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas. In: *Fazendo Gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos*, g., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, ago. 2010. p. 1-9. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1280156603_ARQUIVO_ValeriaCristinaVilhena.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.

VOCÊ quer casar irmã já aprendeu fazer café? [S. l.: s. n.]. 2020. 1 vídeo (51 seg). Publicado pelo canal Everton Filho do Rei. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d1Z_UJO_DhE&feature=youtu.be. Acesso em: 10 mar. 2021.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Wilton Petrus

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); em Maceió, AL, Brasil; doutorando pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (Gellite). Pesquisador da perspectiva dialógica do discurso.

Nádson Araújo dos Santos

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió, AL, Brasil; doutorando pela mesma instituição. Professor de Licenciaturas. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas de Leitura, da Literatura e da Escrita (Gellite).

Rosana Letícia Pugina

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Araraquara, SP, Brasil, com doutorado-sanduiche na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Participa do Grupo de Estudos Bakhtinianos de Gêneros do Discurso (Universidade de Franca) e do Grupo de Estudos Filhas de Avalon sobre literatura de autoria feminina (Universidade Estadual do Ceará).

Endereço para correspondência

Wilton Petrus/ Nádson Araújo dos Santos

Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação – Setor de Linguagem
Av. Lourival Melo Mota, s/n
Tabuleiro do Martins, 57072-970
Maceió, AL, Brasil
Rosana Letícia Pugina
Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
Rodovia Araraquara – Jaú, KM 01.
Machados, 14800-901
Araraquara, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.